

EMILIANO PERNETA, POETA DE EVASÃO

TASSO DA SILVEIRA

Tenho reiterado a observação de que Emiliano Pernetá é, principalmente, um poeta de fuga ou de evasão e, aliás, o autor do mais típico poema de evasão da poesia brasileira, talvez mesmo da poesia do mundo. Este poema é o que êle intitulou "Versos para embarcar", de seu livro **Ilusão**. Transcrevo umas poucas estrofes dêsse vasto convite à fuga, que hoje todo mundo conhece pelo Brasil afora:

Tudo, tudo vai mal, e tudo é uma viela
E um beco escuro, e um charco imundo, e um triste horror
Pois que bom de embarcar, um dia, a toda vela,
E fugir, e fugir, seja para onde fôr.

Não há como embarcar. A vida é um navio
Doido, a querer partir, mordendo o pé do cais,
Velas estão a encher, sopra o nordeste frio,
Quando é que partes, ó navio, quando saís?

Não há como embarcar. Do alto d'uma equipagem
Ver o mundo correr o mundo viajar. . .
Poder dizer que foi a vida uma viagem,
Que começou no mar, que se acabou no mar. . .

Não há como embarcar. E' d'um furor tamanho,
E' d'um delírio tal que, embora nunca mais
Se tenha de voltar — com um punhal de antanho,
A esperança reluz, apenas embarcaís. . .

Não há como embarcar. Furiosos d'insonia,
Enervados de dor, que ânsia d'ir para além,
O! físicos, morrer aos pés de Babilônia,
Nos muros de Sichem ou de Jerusalém?

Não há como embarcar. Para onde quer que seja,
Para o destêrro, mil perigos através
Quando os míseros vão, é como olhos d'inveja,
Que os vejo partir, de corrente nos pés...
etc... etc... etc...

Não bastaram a Emiliano as 16 estrofes em Alexandrinos de "Versos para embarcar" para esgotar o tema. Este reaparece em vários outros passos da obra poética do autor de Ilusão. Como, por exemplo, no poema "Para aqueles que eu amo sejam felizes", do qual tomo estas duas estrofes:

Que sôbre êles, assim como uma auréola em brasas
Possa resplandecer o sonho de tal modo
Que nem toquem sequer com os pés sôbre o lodo,
Por isso que sonhar é o mesmo que ter asas...

E que bem como faz à tarde uma andorinha,
De um para outro país, em vindo a primavera,
Emigrem que isso foi minha melhor quimera,
E eram essas também as ambições que eu tinha.

E ainda no seu maravilhoso **Sol**, poema, no entanto, em que mais alto fulgura o seu profundo encantamento pela paisagem natal, a paisagem do planalto adolescente, ainda aí o tema da fuga se apresenta com tódo o seu frêmito de ansiedade incoercível.

Crepúsculo indeciso. As estrêlas começam a apagar-se e uma a uma, como lâmpadas que se extinguem. Zéfiro sopra. E num vago sussurro harmonioso, a pouco a pouco, a natureza acorda. Ouvem-se vozes longínquas e dispersas...

Um pássaro:

— Vai despontar a luz.

Outro pássaro:

— Pois que desponte logo.

— Tenho ansias de subir, tenho a cabeça em fogo.
Hoje vou conhecer, pela primeira vez,
A voluptuosidade, a febre, a embriaguez
De voar, de voar, ó sonho que me abrasas.

Outro pássaro:

— Ah que bom de fugir Que orgulho de ter asas
etc... etc... etc...

Já mostrei de outra feita que Emiliano foi também poeta de contemplação, como neste mesmo **Sol**, e poeta de comunhão, como ainda em **Sol**, na "Oração da manhã" e "Oração da Noite", quando sua autêntica religiosidade refluiu, ao tombar da vida, de sob a massa fermentada de suas voluptuosas vivências. Mas a verdade ; que êle foi preeminentemente um poeta de evasão, do desejo inquieto, da ânsia de ir embora "seja para onde fôr". Em nenhum momento de sua atividade criadora, houve uma coisa que êle nunca foi: um poeta de consumpção, ou seja, um fascinado pela idéia de morrer, um desalentado, um trânsfuga. Tudo isto tem sua significação transcendente. O poeta, essencialmente poeta, ama de ardente amor a vida e a realidade. Porque a realidade e a vida são para êle de transfigurada e transfigurante beleza. Todavia não se perde nunca do sentimento de que sua pátria verdadeira, a pátria de sua alma, de seu espírito, não é este mundo. Não se perde nunca da intuição invencível de que nasceu do eterno e para o eterno. De sorte que por mais feliz que se encontre, por mais ébrio de beleza terrena, sua vontade de fugir é permanente, seu ímpeto de fuga é insopitável, não para a morte imediata que isso seria a negação total de seu amor a beleza e a vida mas de um para outro lugar, de um para outro país, de uma praia a outra praia, de um mar a outro mar ficando nem nítido que êle não nega com êsse ímpeto o seu maravilhamento pelo mundo, até que do seio do mistério a hora reponte de sua partida estrema.

Vê-te, pois, que a ansia de fuga dos poetas não exprime nenhuma nota de instabilidade ou fragilidade, como uma análise de superfície faria supor. Pelo contrário, nasce da economia mesma do ser espiritual, representa o jogo do dinamismo da transcendência do homem que nos fundamentos básicos é um simples ser natural, mas cuja destinação é superar essa natureza para fazer-se deus. O movimento de poesia que mais indiscutivelmente afirmou e realizou essa transcendentalização do verbo poético foi sem dúvida o simbolista. Os clássicos, bem vistas as coisas, não se afastaram jamais da pura terrenalidade. Os românticos deixaram-se arrastar freqüentemente para além da terrenalidade pelos vendavais e torvelinhos do sentimento insofreável. Barrocos, árcaicos, realistas, viveram enchendo o tempo, entre uns e outros dos grandes movimentos universais, que foram apenas o classicismo e o romantismo, enquanto não irrompeu o simbolismo com a sua potencialidade renovadora total. O simbolismo foi que, nos seus diferentes avatares, dos quais o modernismo é o mais recente, acertou com o carácter intrínseco da poesia, canto divinatório, revelador, profético, suscitado pelos destinos cósmicos do homem.

Situar-se, por tanto, um poeta na categoria dos poetas de evasão é marca de sua autenticidade, de sua superioridade, de sua vocação definitiva. Quando o Brasil aprender a analisar os seus cantores em golpes de sondagens profundas, a exemplo dos que vão descobrir nas profunduras do orbe os veios de petróleo, de ferro, de ouro, com surpresa verá surgirem significações de que nem suspeitava no seu povo sofrido, humilde, e, não obstante rico de vida interior e de sonho.

Quero crer que os poetas de valor mais grave e sério da história sejam os que alcançaram a plenitude da poesia de comunhão, a exemplo do Alighieri, de Tagore. Bem entendido o poeta pode ser, embora em momentos diversos da vida, de evasão, de comunhão e de contemplação. Mas tenho como certo que o poeta mais intrinsecamente de evasão é, pelo menos em potencial, um poeta de comunhão. Porque a ânsia de evadir-se do efêmero é a força que melhor conduz à comunhão como eterno, sempre conjugada a comunhão de caridade, isto é, ao amor dos homens e a beleza das coisas. Em Emiliano, o poema **Sol**, não obstante os seus acentos de evasão, é já um canto de comunhão, de comunhão com a natureza, — com as árvores, com pássaros, com as águas, com os montes, e de comunhão com os pastores e de comunhão com a realidade total como tão maravilhosamente ficou expresso naquêlê extraordinário final do poema:

— Ah! que sombria dor e que profunda mágoa
De não poder ser eu aquela gota d'água,
Que depois de fulgir, assim como uma estrêla,
Derrete-se na luz, funde-se dentro dela!

Também de comunhão é o canto que êle intitulou Hércules, convite a heroicidade e a alegria criadora, que hoje figura gravado em bronze, por iniciativa de Raul Gomes com o apoio generoso do grande prefeito atual de Curitiba, Ivo Arzua, nosso calco da ermal do poeta num grande logradouro de Curitiba. Como de comunhão são as Orações da Manhã e da Noite, erguidos a altura de esplêndidos corais pela inspiração de Brasília Itiberê, o jovem mestre de "O canto absoluto".

Como já notei, Emiliano Pernetá só não foi, em momento nenhum de sua carreira de artista, poeta de consunpção. Entendo por isto, não propriamente o poeta da morte, mas o poeta que quer morrer e que só tal desejo exprime nos seus cantos, e que acaba morrendo mesmo antes do tempo muitas vêzes por suicídio, como aconteceu com Mário de Sá Carneiro em Portugal. Sei bem que o poeta de consunpção pode ainda proporcionar-nos poesia verdadeira, porque a alma de cada um tem ressonâncias infinitas. Mas é indiscutível que o tema,

não da morte propriamente mas do querer morrer empobrece, obscurece, dá sentido negativo a poesia.

Estou recordando neste instante a prece de ação de graças da Igreja, quando diz de começo: "Dou-vos graças, meu Deus por me haverdes criado à vossa imagem e semelhança..." De fato para a alma não deformada por excessivos pecados, para o espírito que, não obstante as falhas e os desfalecimentos, não perdeu contacto com a fonte eterna da vida, a graça de haver sido criado por Deus, e à imagem e semelhança de Deus, é uma graça que enche de gloriosa alegria. Quem achou a fórmula exatamente oposta a esta oração de graças da Igreja foi o lamentável Jean Paul Sartre com a sua teoria da Náusea. A Sartre a multiplicação das existências, sejam quais forem, a multiplicação das árvores, dos pássaros, dos homens, e até das coisas, dá uma impressão de enjôo, uma ânsia de vômito. Quer dizer que, para êle, o milagre criador de Deus é contrariedade é sofrimento, numa palavra, é Náusea. O homem arranjou jeito de exprimir de maneira perfeita o quanto em sua natureza tudo é repulsa ao sentimento de um esplendor absoluto e de uma infinita perfeição.

O Brasil não produz poetas de consumpção para nossa honra. Para honra nossa, Emiliano não foi nunca um poeta de consumpção.